

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-  
Campus Bauru. FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e  
Comunicação.**

Projeto de TFG: Projeto cujo enfoque é em Projeto Arquitetura e Urbanismo.

*“A moda está na cidade, sinta, perceba, vista. A moda  
está na arquitetura, sinta, perceba, vista. Arquitetura e moda  
na cidade artificial e natural.”*

**(André Ribeiro).**

**Estudo e projeto: Escola de moda e artes.**

**Orientador: Paulo Roberto Masseran**

**Co-orientador: Cláudio Silveira Amaral**

**André Luiz Ribeiro**

**Junho 2011**

## Índice.

1. Introdução.....	6
2. Artes Aplicadas: Arquitetura e Moda.....	7
3. Intervenções Artísticas no Espaço Público.....	8
4. Experiência de Karim Rashid.....	10
5. Arquitetura Efêmera: o transitório, o passageiro, o que dura pouco, mas que possui sua significância.....	11
6. Cobogós: tramas de um tecido para subsídio de projeto.....	14
7. Novos Modelos Sociais e Espaciais: cidade e a utopia do concreto.....	14
8. Cidade Linear.....	15
9. Arquitetura Desconstrutivista.....	15
10. O estudo da Avenida Paulista. Uma análise socioeconômica.....	16
10. 1. Passeio pela Avenida Paulista, sua situação na cidade e relação com áreas adjacentes.....	17
10. 2. Análise de vestimentas ao longo da Avenida.....	19
11. O Projeto.....	19
12. Considerações Finais.....	37
13. Referências Bibliográficas.....	38

## **Agradecimentos**

Sou feito de amigos. Amizades e inimizades. Aprendo com os erros e acertos. Personalidade forte me domina, me afaga. Sou eu e mais ninguém.

Este livro é resultado de um esforço cooperativo e interativo, diretos. Isto é, trata-se de um resultado da minha formação profissional e pessoal de pessoas que fizeram e/ou fazem parte da minha vida. Desde já, me desculpo, por qualquer eventualidade, esquecer-me de alguma pessoa. O fato de me esquecer se deve a minha péssima memória.

E Quem não se lembra de algum desenho animado que marcou sua infância? Nos anos 60 foi criado um personagem, a hiena Hardy, que a todo instante repetia seu tedioso “Oh céus! Oh vida! Oh azar! Isso não vai dar certo!”. Mas vamos prosseguir.

“(..... pausa para choro)”.

Agradeço, inicialmente, aos meus pais, Maria e Luiz Carlos Ribeiro e, minha irmã Ângela Ribeiro e Lúcio Ribeiro, meu cachorro, pela força e todos os votos perseverança que depositaram em mim. Lembro-me perfeitamente das madrugadas que passei acordado estudando para prestar vestibular e, minha mãe indo ao meu quarto me dizendo para descansar e ao mesmo tempo me dizendo para estudar. Pois é mãe, eu consegui. Entrei na UNESP e com muito orgulho. A primeira pessoa da família a ingressar em uma Universidade Pública. Devo meu caráter, tudo que sou à família Ribeiro.

Meus avós e, em especial à minha falecida avó Durvalina Mendes, que não pode ver seu neto se formar, mas que com certeza ficaria imensamente feliz.

Em seguida, aos meus primeiros professores (me desculpem, mas na me lembro de nomes, na verdade me lembro de alguns, e para não ficar feio, não os cito).

Agradeço aos professores do Ensino Fundamental e, que depois viraram meus grandes amigos: Audrey Lopes, Adriana de Almeida e Rory Meschiatti. Amigos que fazem a diferença em minha formação. Não posso me esquecer de toda a família Lopes e, em especial, à Maria da Conceição que faleceu, antes que eu me formasse, mas que com certeza também ficaria muito orgulhosa de mim.

“(..... pausa para choro)”.

Obrigado aos amigos Izaías Lisboa, Andréa Siste, Ninton e Ana Bia e Ana Lu.

Pessoas maravilhosas, essas, que entraram em minha vida antes da faculdade e que continuam até os dias de hoje.

Já na faculdade, fiz amigos que vou levá-los para resto da vida.

Agradeço aos amigos e irmãos do coração: Victor Rüegger Lucredi, Lara Migliore, Bruna L. Furlanetto, Gabriela Gonçalves Franco, Raquel Sipá Bragagnolo, Bárbara Vetorazzo, Alícia B. Medeiros, Taís Schiavon, Natália Grejo, Júlia Coelho Dourado, Ligia Moreira Rodrigues, Luiza Lutti Pinheiro Machado, Agata Rodriguez, Malena Rodrigues Alves.

Agradeço a todos os amigos da minha sala de aula, sem exceção.

Aos amigos com quem já morei e compartilhei momentos na república: Wilson Christensen (amigo que se juntou a mim, desde à primeira semana em Bauru, fez parte, de início de tudo e, que depois brigamos e aqui peço mais uma vez desculpas por tudo que aconteceu, mas que vou levar para sempre; Maria Fernanda Nery, Ariella Oliveira, Juliana Camargo, que adoro tanto. Pessoas que moraram comigo na minha primeira república.

Na segunda república: Yuhu Minami, Airton Barros, Larissa Vieiralses. Na terceira república: Caio Mizutani, Arthur Mizutani, Renan Pesciotta, Lucas Sato, Erich Shigue e Kim. (especiais).

Pessoas muito especiais: Gisele Santos e Carla Amaral, duas amigas de meus primeiros contatos em bauru; Taís Malheiros, Monise Takasaki, Victor Sanches, que me perguntava toda vez que me encontrava como estava meu TFG (risos); a grande parceira Aline Simão, com que pude conviver intensamente e que considero muito; à família Simão, pela força, no primeiro mês em São Paulo; Viviane R. Denadai Souza; João Felipe Lança; Tutu Lívia Sandrini; Larissa Mendonça; Anderson Manteiga (Risos, porque só me lembro de seu apelido); Laís Bellini, Beatriz Sakamoto, Caio Grotti, Guilherme Bissoli; Felipe van HamCaroline Tannus; Mariana Rodrigues; Ana Carolina Braz; Andrea Klaczko; Danielle Aquino; Barbara Schrage; Bruna Sala; Fabi Martins; Fernanda Correia; Gabriela Manin; Aaron Yamagishi Kawai; Fernanda Glamorosa; Agata Morango; Ciro Bertolucci; Tatiana Mortari; Helena Vander Velden; Hugo Ferri; Henrique Lima; Julia Martinussi; Juliana Ferreira; Lia Kajiki; Mariana Santana; Felipe Pacelli; Nathalia Sawada; Rômulo Pellizzaro; Priscila Arakawa Dal Co; Érika Grizendi; Flávio Miranda (introdutor nos trabalhos cenográficos); Igi Ayedun, Paulo Marques, Vagner Domingos; Monise Takazaki; Simon Hentschel; Patrícia Lobo; aos amigos com quem moro, Maria Carolina Menezes Lohmann e Julio Leite Tescaro; aos irmão de consideração: Marcos Vinicios e Thiago Vieira,

Aline Oda; Ana Oda. Os arquitetos Mario Gallo e Jeanine Menezes. Com esse eu já trabalhei, e esta eu atualmente trabalho e que me apóia muito.

Aos professores Marta Enokibara, Daniele Fernandes, Adalberto Retto Junior, Maria Helena Regitano, Cláudia Barbieri, Samir Hernandez e a todos os professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Um agradecimento especial para meus orientadores, Paulo Masseran e Cláudio Amaral.

“(..... pausa para choro)”.

Agradeço sem sombra de dúvidas o Estilista Lino Villaventura, quem admiro o trabalho e me inspirou para idealizar esse projeto de TFG.

Agradecemos em particular a Universidade Estadual Paulista – UNESP, pela formação Acadêmica.

“(..... choro)”.

No mais, agradeço de coração. E que me desculpem aos amigos que não mencionei, são tantos.

## **1. Introdução.**

Desde 1996, na primeira edição do SPFW, Paulo Borges, responsável pela direção geral do maior evento de moda da América Latina, acreditava que havia um espaço no Brasil para se criar uma semana de moda. Hoje, este é o mais importante evento do meio na América Latina e, assim como nas principais semanas de moda do mundo, Paris, Milão, Nova York e Londres. É um evento muito esperado e reconhecido por todos os envolvidos, que acontece em duas edições anuais.

Pensando nisso, resolvi realizar meu Trabalho Final de Graduação baseado em experiências com cenografia do evento, na última edição de inverno. Que este ano, o São Paulo Fashion Week comemorou 15 anos, sendo a 30ª edição da semana de moda em São Paulo. Ao longo dessa trajetória, o país viu o mercado de moda aparecer, crescer e se consolidar.

*"Antes não éramos reconhecidos nem mesmo como um pólo de desenvolvimento. Hoje, além de respeitados, somos reconhecidos como uma das cinco semanas de moda mais importantes do mundo."*

(Paulo Borges, organizador da SPFW).

Em meio à inexperiência em eventos cenográficos, tive que buscar referências universitárias, mídias, para me envolver na coordenação da montagem do espaço cenográfico. Uma cenografia contemporânea em um prédio completamente modernista. Fui convidado pelo Arquiteto Flávio Miranda a auxiliá-lo no trabalho.

Muitas informações sobre o assunto me fizeram questionar a relação Moda versus Arquitetura e chegar supor que tal, sempre existiu. Em ambas, não há regras ou padrões e sim a individualidade e a sensibilidade de cada criador, seja estilista ou arquiteto. No relacionamento entre si afluem-se, inusitadamente, os campos do amor pela arte, do conhecimento histórico, do conceito, da atitude e da técnica, baseados em croquis repletos de informações.

Estas áreas se completam. Ambas desenham tendências tratando da poética, retratando o dia a dia, a cultura, a economia, a sociologia, estudando estruturas, volumes, contrastes de luz e sombra, cheios e vazios, escolhendo materiais, criando transparências, cortes e recortes. Na moda, a escala se materializa no corpo resultando no estigma do comportamento de cada pessoa, na arquitetura a escala ganha força imprimindo arte na criação de objetos, móveis, edifícios e paisagens urbanas.

Isso me fez pensar em exemplos dessa cumplicidade entre as áreas. Poderíamos citar vários. Oscar Niemeyer, o mais conhecido arquiteto brasileiro, dentro e fora do país, cria formas orgânicas e originais, e que se apropria muito coerentemente com o concreto armado, influenciado pelas curvas femininas. E assim, gera tendências, intrigas, críticas. Da mesma forma, estilistas se utilizam dos cálculos e projetos para estruturar suas peças e criar cortes e detalhes nas silhuetas de vestuários, agradando ou não pessoas que se interessam em conhecer a moda.

## **2. Artes Aplicadas: Arquitetura e Moda.**

Pode-se dizer que fazer arquitetura é inserir artes plásticas, cinema, culinária, moda, dança e teatro em espaços e formas, então se conclui que fazer moda é o mesmo que trazer a arquitetura para os moldes, acabamentos, sobreposições, recortes, assimetria nas barras, nas mangas e nos decotes. Moda e arquitetura caminham juntas, mas cada uma na sua dimensão, na sua escala.

É sempre bom lembrar que arquitetura, moda e design, são artes integradas, se complementam. Caminham juntas, em um constante equilíbrio de somatórios e ganhas de ambos os lados. Ambos desenham, redesenham e projetam tendências. Criam o novo para o futuro e recriam o passado para o presente, lidam com a poética, com o dia-a-dia, com sensações e percepções do indivíduo. São pessoais e individuais, imaginativas e idealizadoras, vindas da mente, da sensibilidade ou da alma de cada artista, estilista ou arquiteto.

Não muito tempo atrás um jovem nome da moda nacional, ou melhor, internacional, Pedro Lourenço, filho de Glória Coelho e Reinaldo Lourenço, estilistas, lançou sua primeira coleção em Paris para o inverno 2010 inspirada em Niemeyer, especialmente em um dos marcos de sua arquitetura, os “brises”.



Figura 1. Pedro Lourenço coleção F/W 2010-2011 inspirada nos andares do Copan.



Figura 2. Edifício Copan, centro de São Paulo.

Outro grande nome da arquitetura nacional é o arquiteto Ruy Ohtake, dono de inúmeras obras de sucesso, e também mestre das curvas e da organicidade moderna do século XX. Ruy se inspira e é inspirador para outros grandes das artes, como é o caso da estilista Glória Coelho, que em sua coleção de verão 2010, se apropriou das ondas, os cheios e vazios, e a sinuosidade vista em vários projetos do arquiteto, trazendo-as para a passarela.



Figura 3. Desfile Glória Coelho. Verão 2010. Coleção inspirado em obras de Ruy Otake.



Figura 4. Hotel Renaissance, Ohtake Cultural e Ed. Maison de Mauette ambos em São Paulo.

Na moda vemos a força e imponência de edifícios ganharem vida e dar forma ao corpo, já na arquitetura vemos o corpo influenciando a forma destes grandes, um se apoiando no outro.

Para Isay Weinfeild, “Fazer arquitetura é colocar artes plásticas, cinema, culinária, moda, dança e teatro embaixo de um mesmo telhado”, sintetiza um dos mais importantes arquitetos brasileiro do momento, logo podemos concluir que “moda é colocar artes plásticas, cinema, culinária, arquitetura, dança e teatro costurados em um mesmo corpo”.

### 3. Intervenções Artísticas no Espaço Público.

Para o sonho dos artistas visuais e a preocupação de arquitetos e urbanistas, as intervenções urbanas surgem a meio a cidade de concreto e que dão questionamentos para a sociologia urbana, exprimem discussões em torno dessas manifestações públicas.

Esses trabalhos trouxeram novas possibilidades visuais onde não eram imaginados e que não eram explorados antes do século XXI.

As intervenções nasceram basicamente no universo “underground” do século XX, mas é fato que esse tipo de trabalho veio das Instalações ou Ambientes Artísticos e influenciadas

pela Arte Conceitual, vanguarda surgida na Europa e nos Estados Unidos, no fim da década de 1960 e meados dos anos 1970. O conceito ou a atitude mental tem prioridade em relação à aparência da obra.

As instalações são manifestações artísticas em que uma obra é exposta em um ambiente fechado ou aberto, já no caso das intervenções são em ambientes abertos. Pode-se pensar que essas duas definições são parecidas, mas não são. As Instalações se iniciam de uma proposta de “espaço limpo” e as Intervenções de uma proposta de “espaço a ser explorado”.

O que essas manifestações exploram e sempre traz é muito particular, mas uma definição interessante é do que diz que:

*“cabe observar que, atualmente nas artes visuais, a linguagem da intervenção urbana precipita-se num espaço ampliado de reflexão para o pensamento contemporâneo. Aparece como uma alternativa aos circuitos oficiais, capaz de proporcionar o acesso direto e de promover um corpo-a-corpo da obra de arte com o público, independente de mercados consumidores ou de complexas e burocratizantes instituições culturais.”*

(Wagner Barja, artista visual).

As intervenções variam nas suas estruturas e tem, sobretudo, um apelo reflexivo, político-social, didático, confrontador, ideológico ou simplesmente humorístico.

Um dos maiores ganhos das intervenções ao longo do tempo e ter conseguido expandir do seu caráter subversivo e hoje ser até incentivado. A obra de arte se expande para as ruas de forma, aparentemente, agressiva para a cidade, tornando-a interativa com manifestações culturais de linguagem ou de natureza. Ocupando espaços públicos e abertos, essas manifestações rediscutem modelos impostos à arte, do que é certo ou errado. Discutem modelos de política de democratização para o acesso à cultura visual. Elas contam com a intervenção urbana para redimensionar o espaço de convivência nas artes contemporâneas.

Alguns artistas e grupos que se apropriam da manifestação: 3Nós3<sup>1</sup>, Filthy Luker<sup>2</sup>, Frente 3 de Fevereiro<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Formado em abril de 1979 pela reunião dos artistas paulistanos Hudinilson Jr. (1957), Mario Ramiro (1957) e do gaúcho Rafael França (1957-1991), o 3NÓS3 entra para a história ao realizar, em seus quatro anos de existência, 11 intervenções públicas. Em todas elas, a marca da transgressão, da ilegalidade e da manifestação de pensamentos e práticas marginais aos processos oficiais. O grupo, que contou com o patrocínio da empresa Plastic Five Indústria e Comércio de Plásticos em vários projetos, atuou até o ano de 1982.

O primeiro trabalho do 3NÓS3 é o Ensacamento, realizado durante a madrugada de 27 abril de 1979, quando os três artistas cobriram estátuas e monumentos públicos com sacos de lixo que só foram removidos durante a manhã, causando polêmica e confusão. Os jornais Folha da Tarde, Última Hora e Diário da Noite reportaram o acontecido, além de caracterizá-lo como um fenômeno que se propaga via meios de comunicação.



Figura 5. Ensacamento de Cabeças de Monumentos, 1979. Intervenção urbana realizada em São Paulo.



Figura 6. Filthy Luker. Instalação.



Figura 7. Filthy Luker. Instalação.

Acredito que a linguagem e o entendimento dessa manifestação podem trazer grandes referências para o desenvolvimento de um projeto. O projeto que disponho a discutir nessa base teórica e desencadear em um projeto de edifício.

#### 4. Experiência de Karim Rashid.

*“Design hoje poética é baseado em uma infinidade de critérios complexos: experiência humana, comportamento social, global, questões econômicas e políticas, a interação física e mental, a forma, a visão e uma compreensão rigorosa e desejo para a cultura contemporânea. Fabricação é baseada em outro coletivo de critérios: investimento de capital, cota de mercado, facilidade de produção, difusão, crescimento, distribuição, manutenção, serviços, performance, qualidade, questões ecológicas e de sustentabilidade. A combinação desses fatores forma nossos objetos, informar os nossos formulários, nosso espaço físico, a cultura visual e da nossa*

---

<sup>2</sup> Proclamada artista de rua sábio-burro especializada em instalações ambientais e bem-humoradas, objetos de valor de choque rua.

<sup>3</sup> A Frente 3 de Fevereiro é um grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta acerca do racismo na sociedade brasileira. Sua abordagem cria novas leituras e coloca em contexto dados que chegam à população de maneira fragmentada através dos meios de comunicação. As ações diretas criam novas formas de manifestação acerca de questões raciais.

Para pensar e agir em uma realidade em constante transformação, permeada por transformações culturais de diversas escalas e sentidos, se fazem necessárias novas estratégias. A Frente 3 de Fevereiro associa o legado artístico de gerações que pensaram maneiras de interagir com o espaço urbano à histórica luta e resistência da cultura afro-brasileira. A revista Rua é editada pelo Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade desde 1995. UNICAMP.

*experiência humana contemporânea. Esses negócios de forma quantitativa construções, identidade de marca e valor. Este é o negócio da beleza. Cada negócio deve ser completamente preocupados com a beleza - que é, afinal, precisa de um coletivo humano.*

*Acredito que poderíamos estar vivendo em um mundo totalmente diferente, um que está cheio de objetos contemporâneos reais inspiradores, espaços, lugares, mundos, espíritos e experiências. Design tem sido o 'shaper' cultural do nosso mundo desde o início. Nós projetamos sistemas, cidades e 'commodities'. Abordamos os problemas do mundo. Agora design não é sobre a resolução de problemas, mas sobre um embelezamento rigoroso dos nossos ambientes construídos. Design é sobre a melhoria de nossas vidas poeticamente, esteticamente, experimentalmente, sensorialmente e emocionalmente. Meu desejo real é ver as pessoas vivem no 'modus' do nosso tempo, para participar no mundo contemporâneo, e para liberar-se da nostalgia, tradições antiquadas, velhos rituais, do 'kitsch' e do sem sentido. Devemos ser conscientes e sintonizar com este mundo neste momento. Se a natureza humana é viver no passado, de mudar o mundo é mudar a natureza humana."*

Karim Rashid é da geração de profissionais que fizeram a ligação entre a antiga noção de design, o que era associado até então à idéia de confecção de produtos exclusivos e mobiliários caros. Hoje, seu significado trata-se de uma ferramenta para a criação de produtos populares que se diferenciem dos concorrentes pela elegância e vantagens de uso.

No dia-a-dia, nos deparamos com grandes lojas populares que lançam moda a cada estação. Atingem a grande massa popular com elegância e novidades. Podemos ver pessoas se apropriando de vestuários que a baixo custo dão a elas uma moda mais acessível, quando comparada a alta costura e a roupas de marca mais conceituadas.

Pensando nisso, Rashid alega que existem de produtos no mercado que passam despercebidos e precisam de um mínimo de graça e leveza.

Ele acredita que o design não é somente uma área de inovação, mas também uma possibilidade de libertação do consumidor, este que passa a consumir cada vez mais em menos tempo, mais barato, com qualidade e variedade. Quanto maior a variedade, menos tendenciosa será a escolha dos consumidores, portanto.

Para tal, a diferença e variedade dos produtos, no mercado, contribuem inclusive para a construção de nossa personalidade através das coisas que consumimos. Pensando assim, Rashid disse: "Nossa existência é determinada, em boa medida, pelos objetos e pela arquitetura ao nosso redor. Quando os transformamos para melhor, a vida também evolui".

A partir desse conceito de dinamismo, suas criações são futuristas. Para Karim Rashid, estamos presos a uma nostalgia do passado, do tradicional antiquado e se não mudarmos, não iremos evoluir. Diz também que as pessoas devem viver seu próprio tempo, e os designers e arquitetos são os responsáveis a criar as coisas e os lugares de acordo com a nova atualidade.

##### **5. Arquitetura Efêmera: o transitório, o passageiro, o que dura pouco, mas que possui sua significância.**

Não saberei dizer ao certo quando surge a arquitetura efêmera, qual o contexto de sua origem e precursores como dizemos da arquitetura modernista, pós-moderna e outras correntes. Posso especular que a arquitetura efêmera está presente em todo o desenvolvimento da humanidade, desde as tendas dos nômades, as ocas indígenas os iglus, na “casa” itinerante do mendigo das esquinas, nas pontes das cidades, em estruturas tensionadas, em pavilhões de grandes exposições e, em suma importância no prédio da Bienal, no qual analiso pelo viés do SPFW.

O grande atrativo deste tipo de arquitetura está em suas características e propriedades. Trata-se de uma arquitetura de montagem rápida, se comparada à arquitetura convencional, mas que com as novas tecnologias pode ter o mesmo conforto e aplicação.

A obra arquitetônica efêmera existe separadamente da paisagem. Quando inserida no local escolhido não altera características naturais marcantes da área, a dinâmica do espaço continua, por sua vez. Pode ser efêmera portátil, capaz de ser carregada para onde quiser ou, pode ser efêmera e não portátil.

Portanto, se aplicarmos tais características as possibilidades de atuação da arquitetura, partimos das construções de caráter habitacional para chegar à cenografia.

O iglu é uma moradia feita a partir de blocos de gelo regulares equilibrados um sobre o outro. Devido ao seu formato circular, o iglu se utiliza da compressão, e sendo assim, não é preciso nenhum “aglutinante” para unir as peças.

A oca, moradia característica dos povos indígenas brasileiros, de forma oval, estrutura de madeira com vedação em palha. Uma construção bem simples e feita para atender as necessidades básicas de seus ocupantes, as ocas são estruturadas por grandes pilares de madeira e taquaras e a vedação é feita de folhas de palmeiras ou palha.

Não apenas as ocas, mas as moradias indígenas americanas caracterizam-se por serem construções de caráter efêmero, mas que possuem um propósito, características próprias da arte e cultura local, mesmo que, diferenciem-se entre si nos aspectos construtivos e materiais utilizados. Portanto essas são as mais simples construções efêmeras que atendem as necessidades básicas do ser humano de forma eficaz e rápida.

Tratando-se de estruturas efêmeras, analisamos as estruturas tensionadas, também conhecidas como estruturas de membrana. Podemos dizer que as habitações indígenas americanas se caracterizadas como estruturas de membrana, pois existe uma armação coberta por uma membrana de fibra tracionada, que possui ventilação, por efeito chaminé, o ar quente sobe à medida que o frio entra pela abertura mais baixa.

Constantemente vemos a engenharia aplicada em grandes edificações que se desenvolve de tal forma que a cada dia temos novos materiais capazes de vencer vãos maiores com um menor custo e menor gasto, isso para os arquitetos amplia as possibilidades criativas e nos dá maior liberdade plástica. Mais que isso, temos em foco, nos dias de hoje, os aspectos ecológicos, os impactos que os materiais utilizados na construção causam no ambiente em que se inserem.

Um dos pontos fortes da Arquitetura efêmera é justamente o impacto mínimo que causa na paisagem.

Não posso deixar de observar que é fascinante estar presente no Prédio da Bienal de São Paulo. Visto que se trata de uma arquitetura monumental extremamente moderna que sede seu espaço para um evento que teve como base cenográfica uma arquitetura cenográfica contemporânea. Ou seja, o modernismo em contraste com a contemporaneidade do espaço cenográfico criado.

Fora, o reto, a fachada limpa, o vidro, o concreto armado, a monumentalidade resguarda o moderno. O contemporâneo está dentro, plantas penduradas no teto, espaços que se interagem em uma troca de informações, um espelho d'água que faz refletir a iluminação, que multiplica os pilares, que visualmente aumenta o tamanho do lugar, que circunda uma passarela, deixando a pessoa que adentra ao evento em total importância, destaque. Uma estrutura feita de peças de madeira, que forma um desenho completamente diferente com as linhas do prédio em si, refletida pelo espelho d'água. Toda essa montagem que se deu em duas semanas de intenso trabalho.



Figura 8 e 9. "Clavículas" de madeira, mezanino, espelho d'água, passarela, pilares e logo do SPFW.



Figura 10 e 11. Samambaias penduradas, caixas de papelão na parede e o estande da operadora de celular Oi.

Trabalhar com a cenografia do evento foi extremamente interessante. Buscar discussão desse contraste entre espaços, o diálogo entre a moda e a arquitetura e, suas conseqüências em um parque na cidade de São Paulo, o Parque Ibirapuera. Evento que alavanca a economia da cidade. Que traz inovações na moda, que influencia gostos e costumes das pessoas.

Experiência de dinâmica de trabalho que não se encontra na Universidade. Trabalho que se decide *in loco*, partindo de um projeto pré-estabelecido. A troca e articulação de idéias se dão no decorrer do dia, quando técnicos encontram dificuldade de execução da cenografia.

## **6. Cobogós: tramas de um tecido para subsídio de projeto.**

Os cobogós foram criados ainda na década de 20, em Pernambuco, mas se popularizaram pra valer a partir dos anos 50, sendo facilmente avistados no Nordeste brasileiro ou em Brasília. São blocos vazados de cimento que, além do interessante efeito estético, têm a função de fechar ambientes, mas mantendo a circulação de ar, a privacidade do interior e filtrando parte da radiação solar direta, com a versatilidade de poder substituir uma parede inteira, apenas um pequeno vão ou ser usado como divisória.

Sua origem advém dos muxarabis. Elementos tradicionais, árabes, que consistem em treliças de madeira aplicadas geralmente em janelas para garantir a privacidade das mulheres que habitavam as residências, concedendo a visão do exterior, mas não o contrário.

Atualmente, os cobogós não são mais fabricados apenas em cimento, havendo tanto de cerâmica como de vidro, madeira, gesso e até mármore. A ausência de vedação acústica desses elementos é um de seus problemas.

Ao procurarmos uma solução térmica, uma alternativa aos grandes vãos com a utilização de vidro somente, podem superaquecer o ambiente e permitir que a luz danifique partes do mesmo. Uma possibilidade estética ou tudo isso junto, os cobogós, genuinamente brasileiros, poderão ser muito úteis.

## **7. Novos Modelos Sociais e Espaciais: cidade e a utopia do concreto.**

Utopia tem como significado mais comum a idéia de civilização ideal, imaginária, fantástica. Pode referir-se a uma cidade ou a um mundo, sendo possível tanto no futuro, quanto no presente, porém em um paralelo.

Utopia é um termo inventado por Thomas Morus<sup>4</sup>. Segundo a versão de vários historiadores, Morus se fascinou pelas narrações extraordinárias de Américo Vespúcio sobre a

---

<sup>4</sup> Thomas Morus, forma alatinada por que é literariamente conhecido Thomas Moore, Grande Chanceler da Inglaterra, nasceu em Londres em 1478 e foi aí decapitado em 1535. Filho de um dos juizes do banco dos reis foi aos quinze anos colocado como pagem do Cardeal Morton, Arcebispo de Cantuária. Em 1497 foi terminar seus estudos em Oxford, onde conheceu Erasmo. Fez durante três anos o curso de Legislação, ao mesmo tempo que se preparava para exercer a advocacia. [...] A "Utopia" representa a primeira crítica fundamentada do regime burguês e encerra uma análise profunda das particularidades inerentes ao feudalismo em decadência. A forma é muito simples; é uma conversação íntima durante a qual Morus aborda ex-

recém avistada ilha de Fernando de Noronha, em 1503. Morus decidiu então escrever sobre um lugar novo e puro onde existiria uma sociedade perfeita.

O “utopismo” consiste na idéia de idealizar não apenas um lugar, mas uma vida, um futuro, ou qualquer outro tipo de coisa, numa visão fantasiosa e normalmente contrária ao mundo real. O “utopismo” é um modo absurdamente otimista de ver as coisas do jeito que gostaríamos que elas fossem.

## **8. Cidade Linear.**

A cidade linear é um modelo concebido pelo urbanista espanhol Arturo Soria y Mata<sup>5</sup> em fins do século XIX, construída como bairro experimental na periferia de Madrid, Espanha, em 1894. A noção de cidade linear foi utilizada no modernismo a partir do final da década de 20 por alguns urbanistas como Le Corbusier, Lúcio Costa, entre outros.

A cidade linear tem como característica mais marcante o desenvolvimento em linha, geralmente com uma via central que funciona como estrutura principal, em torno da qual se desenvolvem ramos secundários. A interpretação da cidade linear varia segundo cada um dos autores. Para Miliutin ela estava ligada ao sistema de produção industrial, Le Corbusier a utiliza para atingir maior liberdade formal e de igual maneira trabalhar livremente o sistema viário dentro de sua proposta de hierarquia viária.

No pós-guerra Lúcio Costa adota o partido linear no desenvolvimento do plano piloto de Brasília. Lúcio Costa utilizará novamente o partido linear como um dos elementos do seu plano para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.

Desde a década de 1880, Soria y Mata acreditava que sua cidade poderia se estender pelo território se ligando a outras e até aos diferentes países, em uma grande rede urbana. Este fenômeno não está longe da realidade dos nossos dias. Através de sistemas de transporte super-rápidos, como o trem, cidades são interligadas em poucas horas.

## **9. Arquitetura Desconstrutivista.**

“A arquitetura deve nos fazer sentir diferente, se não, a engenharia já seria o suficiente.”

(Daniel Libeskind).

Na arquitetura diz-se que o desconstrutivismo também possui raízes no construtivismo Russo, sendo que este prega o uso das formas geométricas puras e, o desconstrutivismo se apropria dessa forma, desmonta, remonta, desconstrói, transforma e, como os construtivistas,

---

abrupto as questões mais novas e mais difíceis. Sua palavra, às vezes satírica e jovial, outras, de uma sensibilidade comovedora, é sempre cheia de força.

<sup>5</sup> Arturo Soria y Mata (Madrid, 15 de dezembro de 1844 — Madrid, 6 de novembro de 1920) foi um político, empresário e urbanista espanhol. Concebeu a cidade linear em fins do século XIX, construindo um trecho de cinco quilômetros do seu modelo de cidade nos arredores de Madrid, Espanha.

ainda considera a simplicidade de tais formas como sendo a essência de suas obras. Peter Eisenman, em um estudo de tal conceito desenvolveu as casas de I à XI, bem como a Casa Guardiola, que se desenvolve através da desconstrução de um cubo e cria planos em 'L' que se interpõem.

Não obstante, arquitetos como Rem Koolhaa, não apenas desconstrói a forma como também incorpora aspectos que seriam temporários das construções em sua volumetria final, assim como faziam a arquitetura russa.

Particularmente, analisando as obras de Frank Gehry, acredito que é possível encontrar também certa influência do cubismo analítico, onde se vê formas e conteúdos dissecados e vistos de diferentes perspectivas simultaneamente ou ainda, um pouco do expressionismo, na distorção das formas.

No entanto, enquanto o pós-modernismo desconstrói, conceitualmente, os desconstrutivistas lidam diretamente com a estruturação física da arquitetura, as formas, as paredes, os planos, a volumetria. Desta forma, o desconstrutivismo não pode ser considerado uma corrente pós-moderna.

A arquitetura “nasceu” dentro de padrões lógicos, racionais, geométricos, e se baseando primordialmente nos eixos coordenados e ortogonais do plano cartesiano. Muitos anos depois, ainda é raro andar pela cidade e encontrar uma edificação que não ostente tal ortogonalidade referente dos projetos iluministas. Se desenhado dentro dos planos ortogonais, cubos, cilindros, pirâmides e sólidos geométricos no geral, tornam-se comuns como sendo figuras estruturantes do pensamento e prática projetual.

#### **10. O estudo da Avenida Paulista. Uma análise socioeconômica.**

O estudo da cidade opera uma secção em todos os setores da estrutura social e cultural, atingindo as mais diversas camadas de conhecimento envolvidas. Os arquitetos participam desse processo, tanto na produção e na reflexão, e ainda enquanto membros da sociedade. Para os arquitetos, o estudo da cidade pode ser definido com foco em um setor mais específico, que produz um grupo de aspectos da conformação do espaço: a construção dos edifícios no espaço urbano. A utilização dos lotes é dirigida pelos proprietários (público ou particular) de forma individual. Dessa maneira, a administração pública só influi indiretamente, por meio de leis reguladoras e códigos edilícios. Assim a cidade, como um conjunto de todas essas intervenções, é construída lote a lote, edifício a edifício.

Intervir na cidade é sempre um desafio para os arquitetos que acreditam que sua responsabilidade na construção da mesma vai além de sua atuação como urbanista, no desenvolvimento de projetos urbanos, planos e políticas públicas de grande abrangência. Projetar um edifício significa a oportunidade de desenvolver um interesse público e coletivo da arquitetura, mesmo quando esse projeto se desenvolve dentro de um lote privado.

Pela arquitetura dos edifícios e pela forma como esses se relacionam com a cidade, se percebe a visão de cidade de seus arquitetos, até quando suas intervenções se restringem aos limites do lote.

No projeto que será desenvolvido, será pensado em um edifício que, ora qualifica o espaço urbano em que está inserido, ora coloca dentro do lote algumas qualidades urbanas.

Em algumas propostas, o edifício redesenha o espaço urbano, abre-se para a cidade, oferece "praças" e outras áreas de convívio, borra o limite público/privado, ou diferencia-se do partido arquitetônico predominante no seu entorno, contribuindo de alguma forma para a qualificação do espaço público.

#### **10. 1. Passeio pela Avenida Paulista, sua situação na cidade e relação com áreas adjacentes.**

Avenida que se destaca pela relação entre o espaço do edifício e o espaço urbano, e a qualificação do limite entre eles. Características como eixos transversais e intervalos, a articulação dos espaços públicos, percursos de ligação e circulação intraquadra, e espaços urbanos definindo relações, foram fundamentais no estudo.

As relações socioculturais da cidade estão apoiadas ao mesmo tempo em que são refletidas na sua própria urbanização. A organização dos espaços da cidade reflete seus usos e também os determina. Não há uma maneira de dissociá-los. Ambos a organização dos espaços da cidade e seus usos são reflexos do momento da sociedade, dos modos de produção, da economia mundial "globalizada", dessa sociedade de consumo. Nesse cenário, a relação que a arquitetura dos edifícios estabelece com o ambiente urbano e como influenciam a percepção e apropriação dos espaços urbanos. A Avenida Paulista, centralidade econômico-financeira da metrópole, que reflete o desenvolvimento sócio-econômico da cidade.

As transformações na paisagem da Paulista podem ser divididas em três momentos principais que correspondem às fases do desenvolvimento da própria cidade de São Paulo. Na época da inauguração da Avenida, São Paulo tinha toda a sua economia baseada na atividade rural. A Avenida nasce como um empreendimento voltado especialmente para a elite econômica da cidade: os barões do café.

A partir de sua inauguração, a ocupação dos grandes lotes da Avenida inicia-se rapidamente com a construção de casarões. Com a quebra da bolsa de Nova York e as crises do setor cafeeiro, o perfil dos moradores sofreu uma mudança bem significativa, gerando também algumas modificações nessa paisagem. Os setores, comercial e industrial, passaram a ter uma maior importância econômica na cidade, e seus representantes maiores foram morar na Avenida Paulista em busca de reconhecimento.

Com sua linearidade, a Paulista pode ser considerada uma faixa relativamente estreita (composta pela Avenida e os quarteirões adjacentes) que marca a distinção entre dois lados da cidade, o lado centro e o lado jardins. Esses dois lados apresentam características sensivelmente diferentes, especialmente em algumas áreas.

Os dois lados da Avenida, ou as duas margens, estabelecem entre si uma relação quase constante ao longo desta, com poucas conexões entre elas, e ligadas apenas pelas ruas transversais e travessias de pedestres marcadas próximas as esquinas ou no meio dos

quarteirões. Há momentos (como no eixo 9 de Julho/ Trianon/Masp) em que essa ligação é mais forte e desempenha um papel maior na organização da cidade, ocorrendo tanto no nível da Avenida quanto pelo túnel.

A estrutura de ligação Consolação/Rebouças/Dr. Arnaldo inicia-se na altura da Haddock Lobo, na Paulista, e a partir desse ponto, estabelece a completa separação entre as calçadas dos dois lados.

Extremamente valorizada no mercado imobiliário, a região apresenta poucas áreas não edificadas ou subaproveitadas. Em contrapartida, a alta valorização dos imóveis dificulta a manutenção adequada dos edifícios existentes, em especial os imóveis residenciais, que mostram sinais claros de degradação e, muitas vezes, abandono.

O tecido urbano das imediações da Avenida é bem adensado, em ambas as direções. O processo de verticalização. Atualmente, essa ligação mantém sua importância e é feita entre a Rua da Consolação e a Av. Rebouças.

Uma verticalização mais densa é percebida ao longo das Avenidas perpendiculares à Paulista, de maior importância, como a Av. Brigadeiro Luís Antônio, a Avenida 9 de Julho e a Rua Augusta.

A qualidade urbana, bem como a ambiência da Avenida Paulista, caracteriza-se por espaços coletivos que apresentam distintos graus de visibilidade, acessibilidade, controle, graduando entre a total ausência de integração exterior/interior e a ligação e continuidade com o tecido urbano. Tais elementos serão abordados no projeto da Escola de Moda e Artes.

Quem chega à Paulista de metrô usufrui de um dos sistemas mais eficientes de transporte e ainda é apresentado com a sensação de “descortinamento” da paisagem e de surpresa, ao sair de qualquer uma das três estações, subir de escada rolante e aflorar no coração financeiro da cidade. A perspectiva que se tem dessa visão que parte do subsolo e chega até o térreo enfatiza a verticalidade dos edifícios e regularidade da paisagem. Um dos motivos para escolha da localização da Escola foi exatamente por causa da presença de estação de metrô nas proximidades.

A padronização do calçamento da Avenida tem sido discutida por representantes do poder público municipal, associações de empresas e cidadãos, cada um defendendo seus interesses na busca por uma solução que dê homogeneidade, regularize e traga qualidades de acessibilidade e estética para a calçada da rua mais famosa da cidade.

O uso do mosaico português no espaço privado dos lotes ocorre algumas vezes, e pode denotar uma intenção do edifício em criar alguma continuidade com o espaço público do passeio.

As calçadas da Paulista são, inúmeras vezes, interrompidas para a passagem e o acesso de veículos às garagens dos edifícios.

Percebo que a riqueza de atividades e públicos da Avenida Paulista está diretamente relacionada à multiplicidade de configurações espaciais ao longo de sua extensão. Alguns

trechos são especialmente caracterizados no que diz respeito à relação entre a cidade e o edifício, ora por uma solução urbana que distingue uma parte do todo, ora pela configuração de seus edifícios e ocupação das quadras.

## **10. 2. Análise de vestimentas ao longo da Avenida.**

As ruas que cortam a Avenida Paulista apresentam uma característica interessante. Elas, e até mesmo a própria avenida, são ocupadas por pessoas que se vestem de maneira quase que para cada rua. Seja para trabalho ou passeio.

Nos horários próximos aos intervalos de trabalho, as a avenida é ocupada por pessoas, em sua maioria, de ternos, roupas sociais, por causa dos edifícios executivos presentes. Fora desse intervalo, o grande espaço é tomado por pessoas vestidas de forma casual, não sei dizer que se vestem para o trabalho ou para passeio. Mas verifico isso muito peculiarmente.

A Rua Augusta, que corta a Avenida Paulista é muito interessante. Trata-se de uma rua que reúne várias tribos. Vestimentas de diversas formas estão presentes nesse ambiente. As pessoas se encontram na esquina da Augusta com a Paulista em busca de diversão durante o dia, à noite e a madrugada. É uma rua que nunca pára. As pessoas se vestem para ir a Augusta.

Uma das curiosidades de pensar na Moda e na Arquitetura, como áreas complementares ocorreu também quando percebi que na Avenida Paulista é um espaço cenográfico. Quase que uma passarela. Um desfile de roupas, de pessoas, de hábitos, costumes, cultura e informação. Tratar essas duas últimas e lidar com o contemporâneo, a dinamicidade das coisas, as trocas de informações. Isso também é pensar a arquitetura.

Tal avenida é extremamente acessível, no que tange a localização. O escoamento de informação, embora seja um eixo muito individualizado, repleto de empresas e marcas brigando por espaço no mercado, enfim, uma briga de egos.

## **11. O Projeto.**

A escola de Moda e Arte, que será projetada, baseia-se na grade curricular do curso de estilismo e artes plásticas da FASM – Faculdade Santa Marcelina. Estudei o funcionamento da faculdade e a partir disso o processo de funcionamento de uma escola de estilismo e de artes.

Será pensada uma escola que agregue Moda, Artes, Arquitetura, Acessibilidade subsidiada pela Avenida Paulista, o eixo de estudo. Tudo isso para me encontrar no projeto, justificá-lo, na busca do “Eu”. Partindo de observações como: quando e quem veste a Paulista; se tem elitização da arquitetura, se é imponente; se a moda é padronizada para se popularizar, se é possível tornar a arquitetura acessível assim como a moda é. Uma crítica de costume.

Foi pensado em “pequenos anexos” que serão dispostos nas fachadas. Chamarei de nichos/vitrines, cujo objetivo é expor os trabalhos dos alunos ao longo da Paulista. Levar a moda para as ruas, para a população, levar o ensino da moda para fora da sala de aula. Estes

nichos quando colocados nos edifícios formam como o todo, no percorrer do eixo da avenida. Além de mostrar a linearidade e a justificação de meu projeto. Procuo requalificar a avenida, no sentido de homogeneizá-la.

Para o estudo do edifício levei um ponto muito forte em consideração, isto é, estudei o estilista Lino Villaventura<sup>6</sup> e suas coleções. Escolhi tal estilista, por afinidade com seus trabalhos.

---

<sup>6</sup> Lino Villaventura, nascido Antônio Marques dos Santos Neto, (Belém, 1951) é um estilista brasileiro. Começou sua carreira em 1978 e em 1982 lança em Fortaleza a marca "Lino Villaventura" em parceria com Inez Villaventura. Já em 1987 participa de eventos e exposições nacionais e internacionais mostrando seu trabalho. Em 1996 participa do Morumbi Fashion, que depois viria a ser o São Paulo Fashion Week. O estilista tem lojas próprias em São Paulo e Fortaleza, e também vende suas criações em lojas multimarcas de Brasília, Rio de Janeiro, Vitória, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre.

Outra faceta do trabalho do estilista é como figurinista de cinema e teatro. Entre outros, fez os figurinos do filme *Bocage*, o *Triunfo do Amor*, e da peça teatral *Dorotéia*, uma *Farsa Irresponsável em Três Atos*, de Nelson Rodrigues, que lhe valeu uma indicação ao Prêmio Shell de Teatro de 1996.



Figura 12. Trajeto da Avenida Paulista.



Figura 23. Área de trabalho.

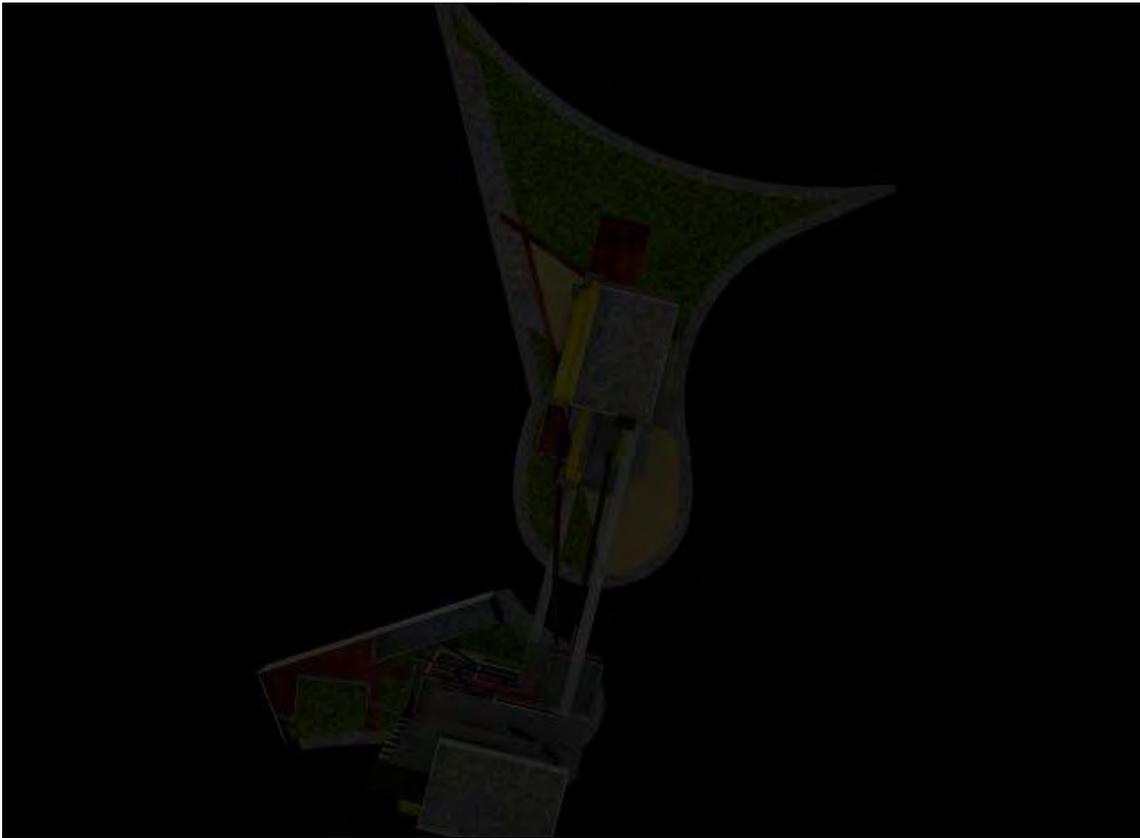


Figura 34. Implantação.



Figura 45. Modelo Fotográfico. Inspiração para a estrutura do edifício 1.



Figura 56. Modelo Fotográfico. Inspiração para a estrutura do edifício 2.

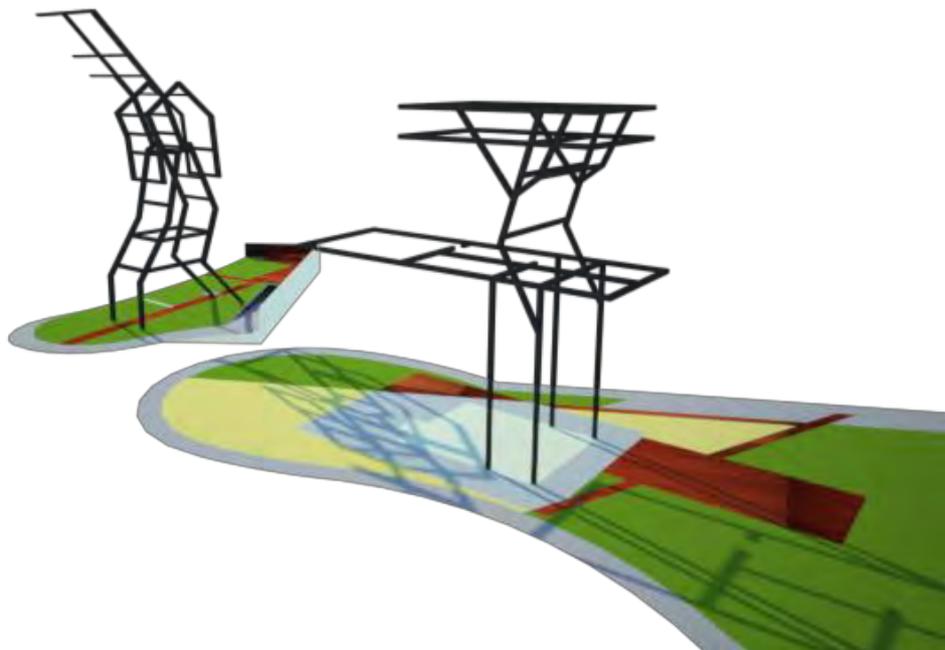


Figura 67. Edifícios. Pilares e vigas baseados em posições de modelos fotográficos.

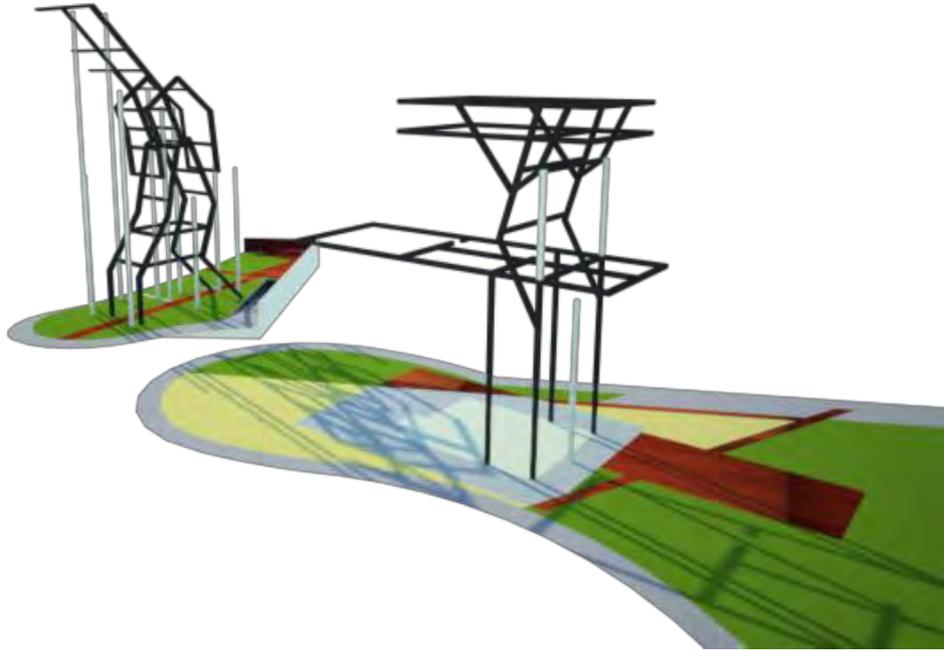


Figura 78. Edifícios. Pilares baseados em posições de modelos fotográficos. Pelares brancos para reforço das estruturas.

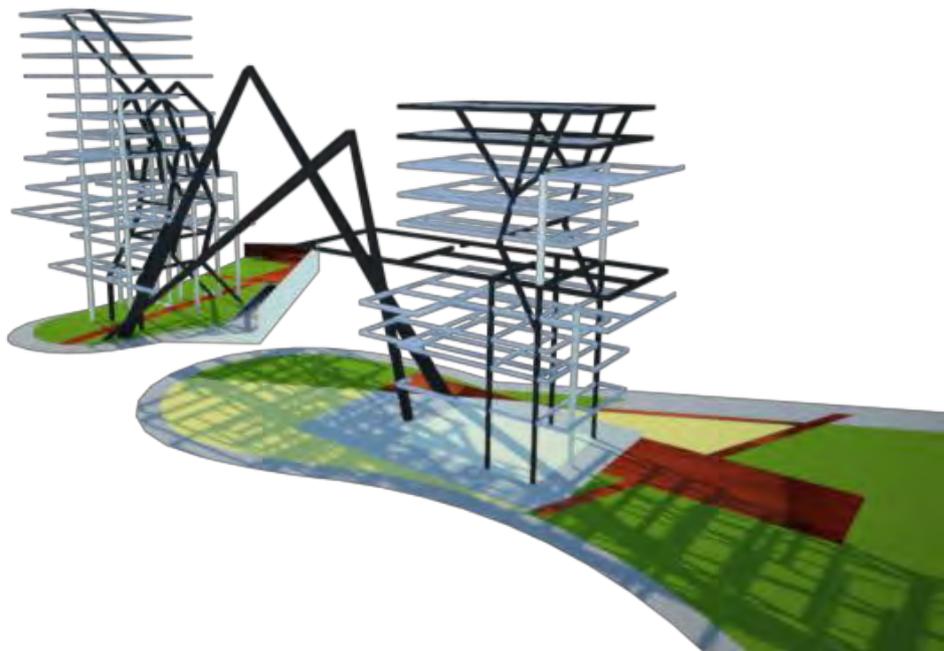


Figura 89. Edifícios. Pilares baseados em posições de modelos fotográficos. Pelares e vigas, brancos para reforço das estruturas.

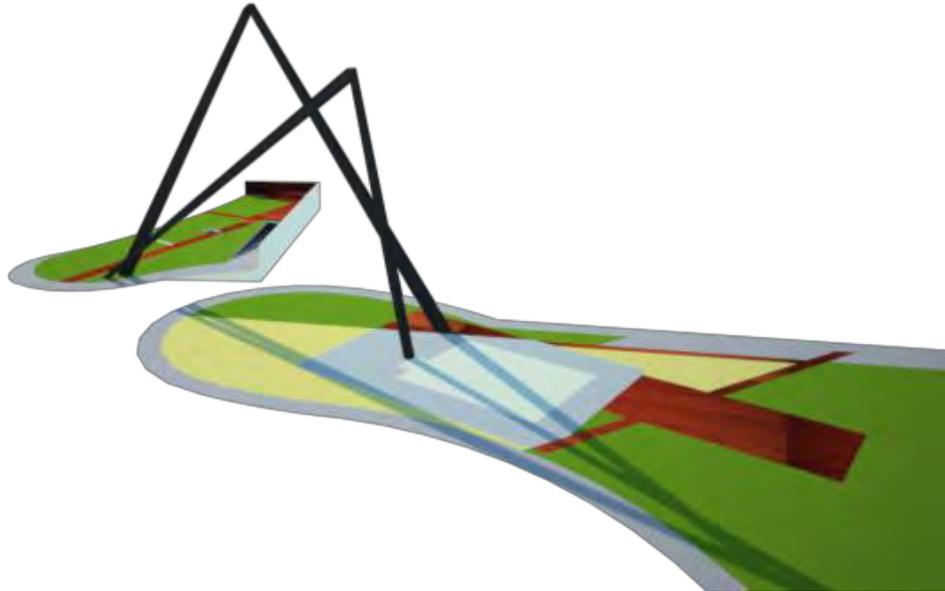


Figura 20. Estrutura estaiada, para reforço das estruturas.

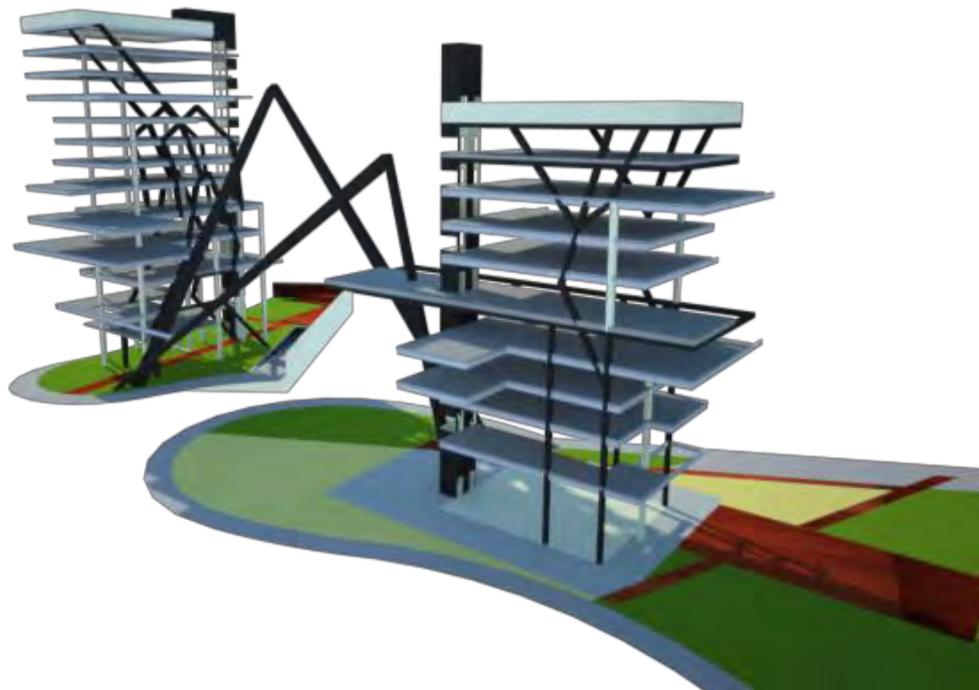


Figura 21. Estruturas, lajes e caixa de elevador. As estruturas estão engastadas nas caixas, bem como as lajes.

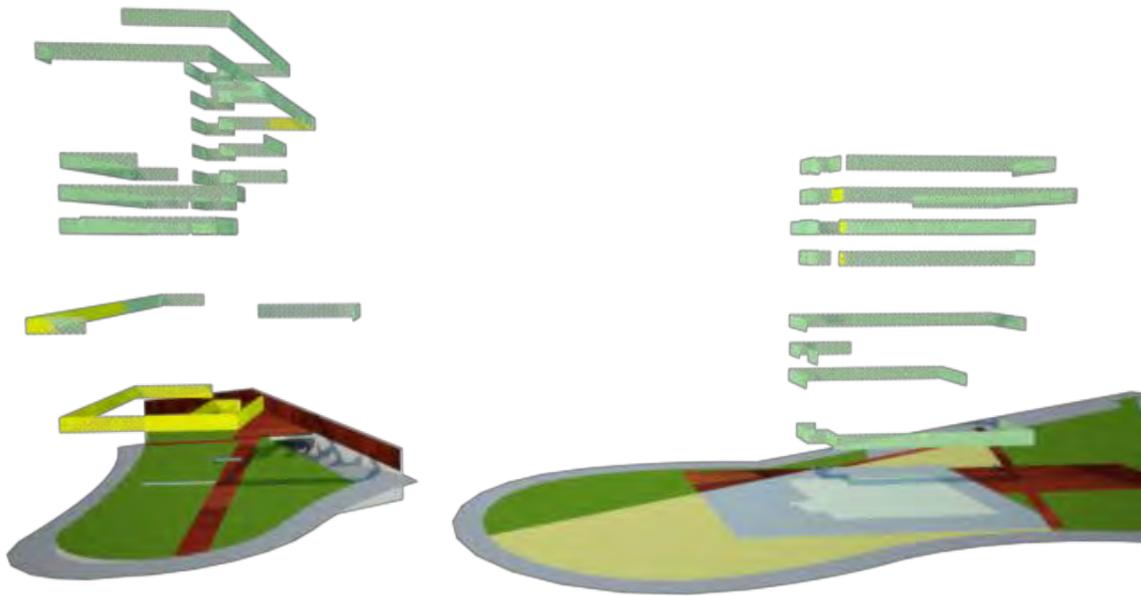


Figura 22. Como parapeito foi pensado em cobogós baseados em roupas do estilista.



Figura 23. Modelos de roupas do estilista. O desenho das peças foi usado como inspiração para o desenho dos cobogós.



Figura 24. Modelos de roupas do estilista. O desenho das peças foi usado como inspiração para o desenho dos cobogós.



Figura 25. Cobogós – Parapeito. Os cobogós funcionam como amarração de todo o projeto.

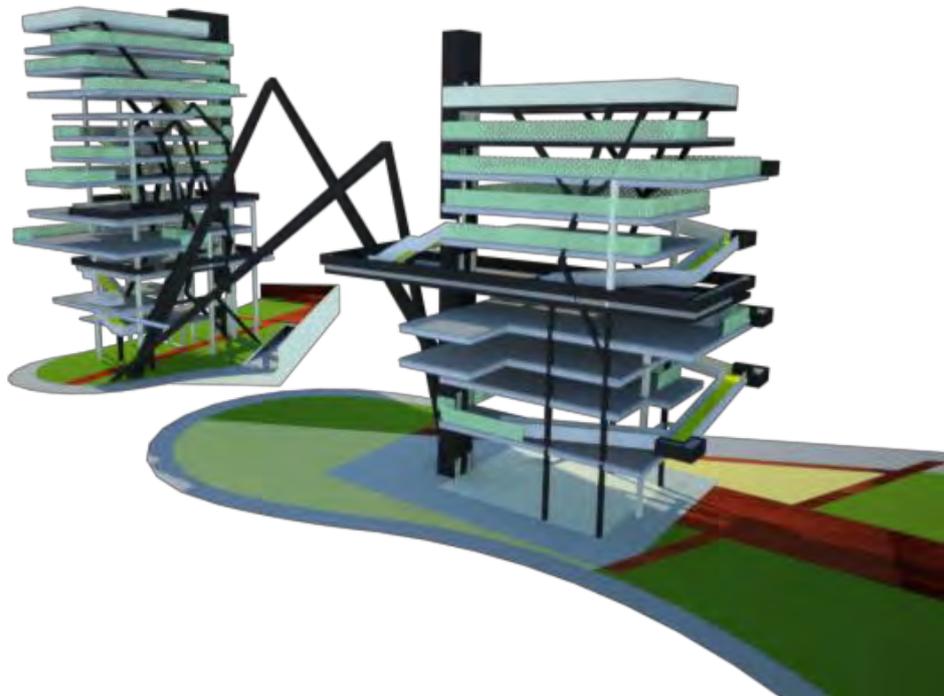


Figura 26. Rampas e escadas de acesso e, jardineiras espalhadas em alguns pavimentos e no piso de descanso das rampas.

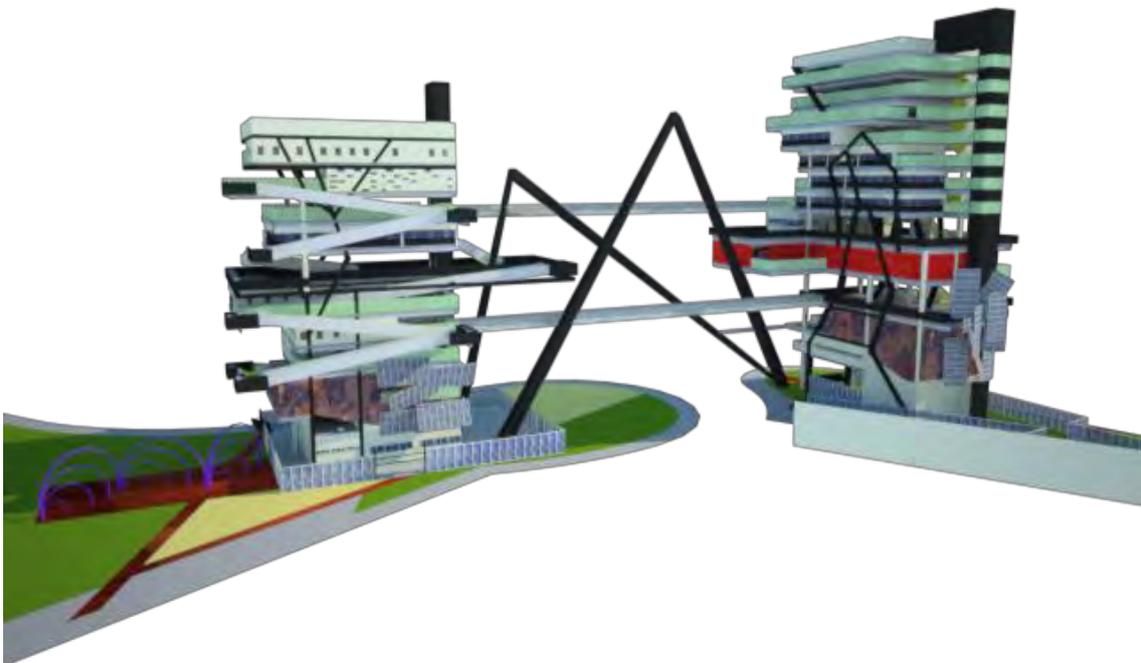


Figura 27. Perspectiva Geral. Placas solares, para suprir parte da autoeficiência do edifício, afixadas nas laterais do auditório.

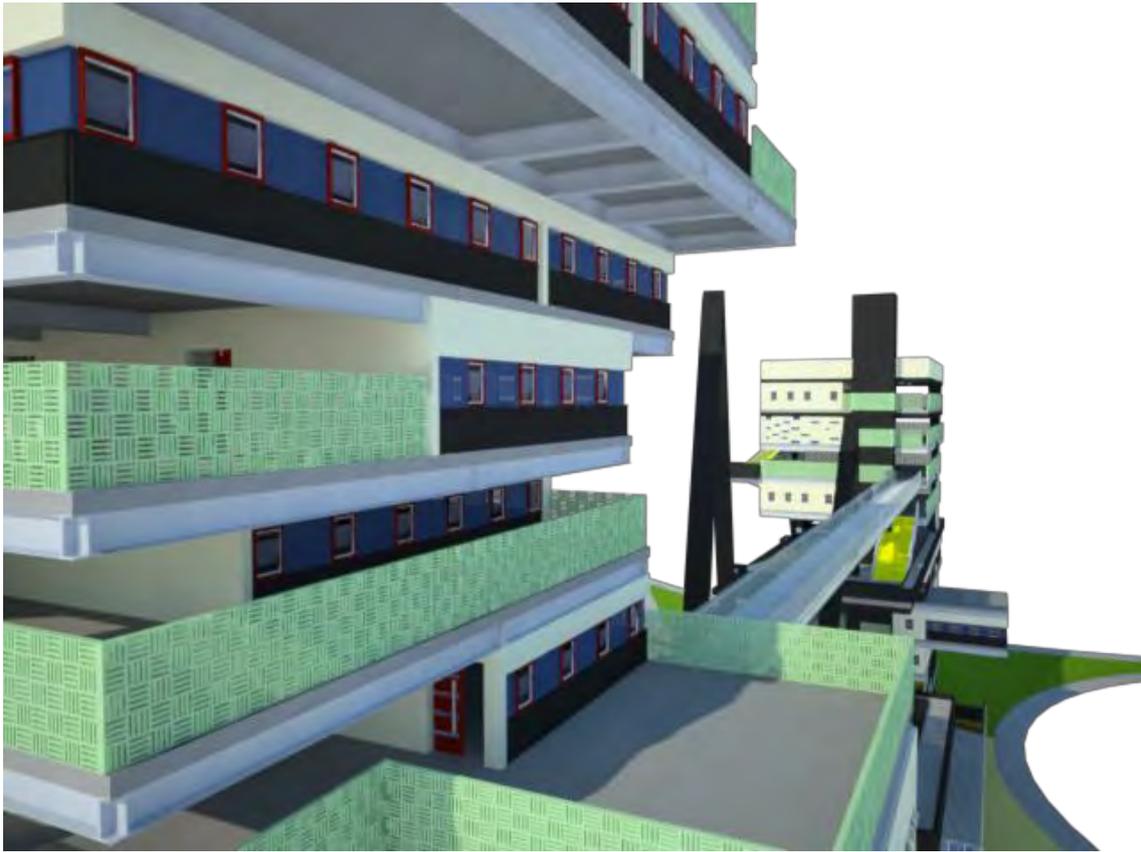


Figura 28. Detalhe de uma perspectiva. Salas de aula arejadas, com vidros e muitas janelas. E perspectiva de uma das rampas.

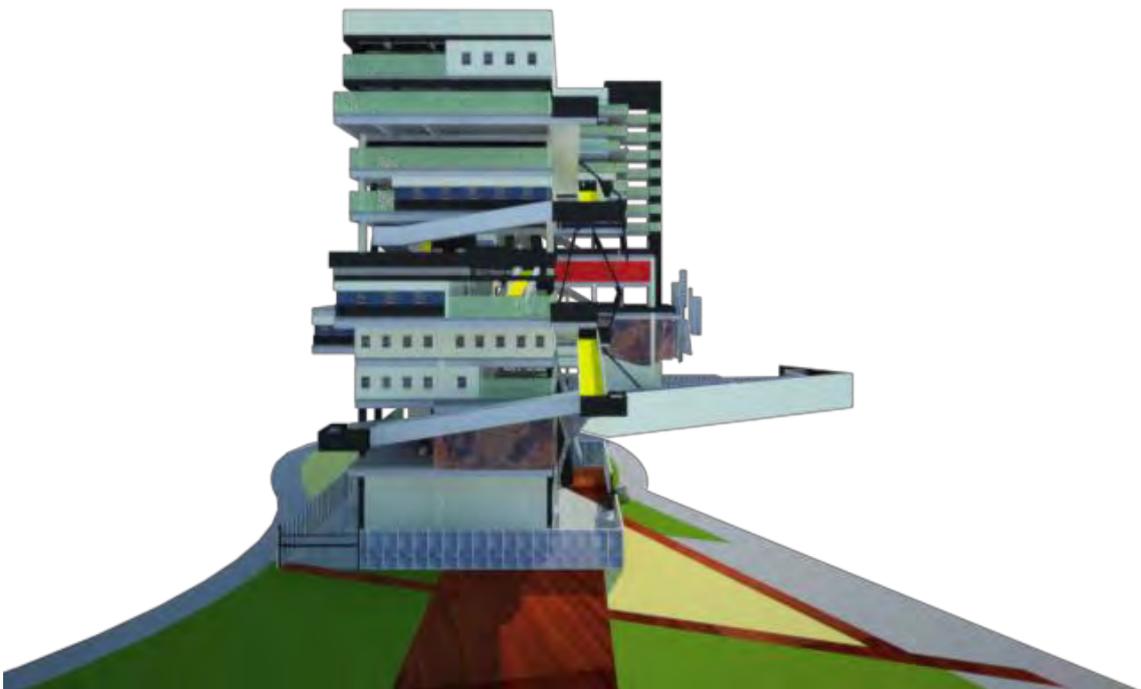


Figura 29. Perspectiva dos edifícios. Algumas salas possuem somente janelas de madeira e outras janelas e vidros.

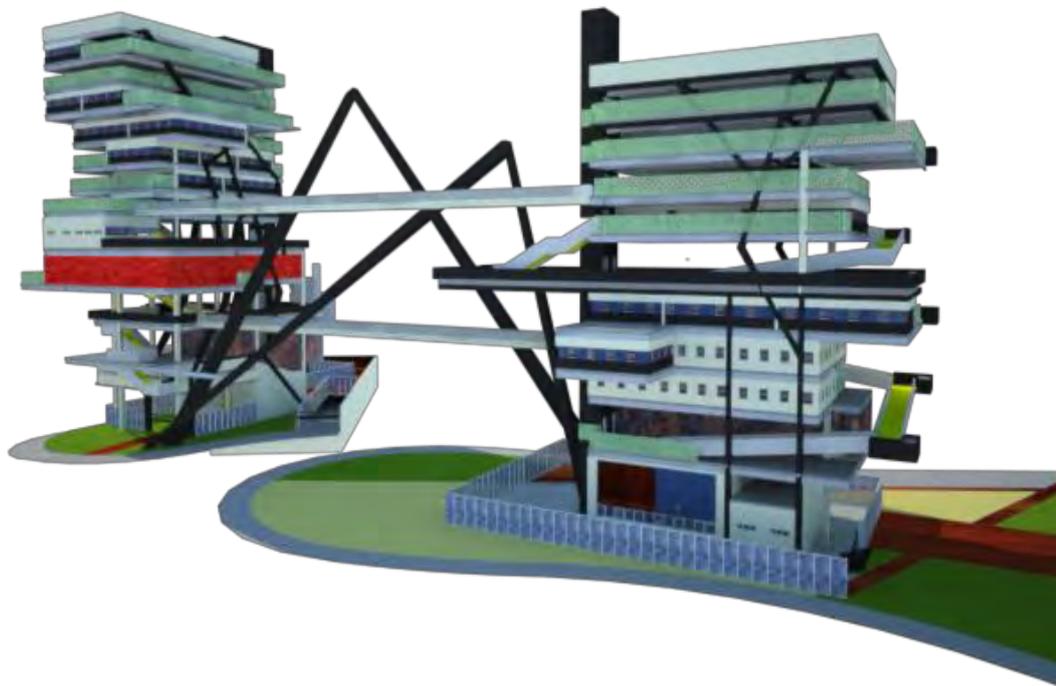


Figura 30. Perspectiva Geral dos edifícios.

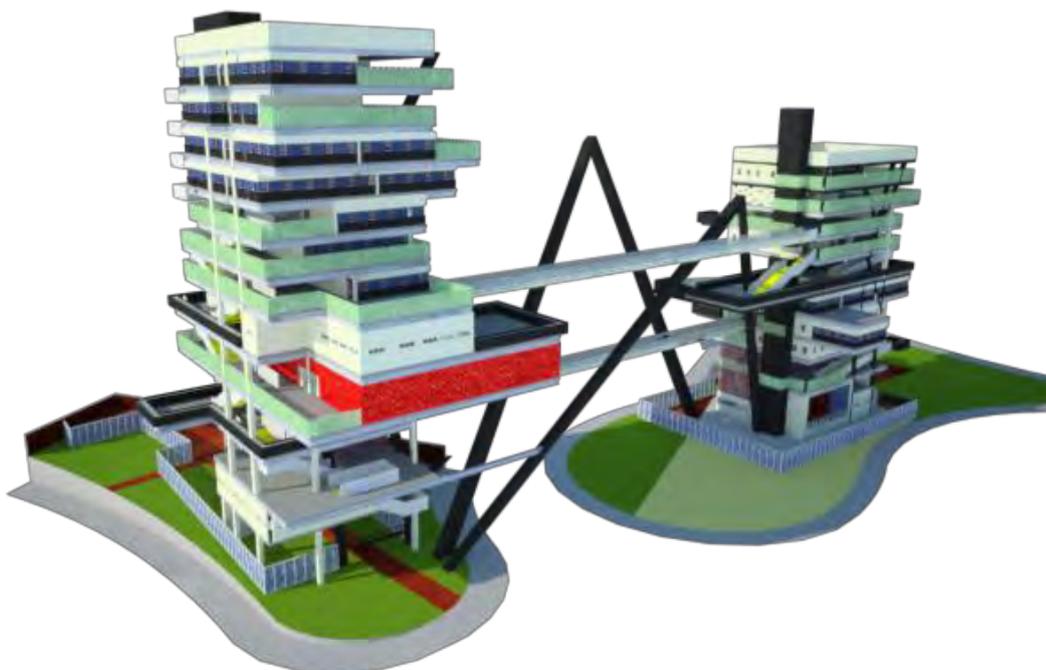


Figura 31. Perspectiva Geral dos edifícios. Em vermelho são duas salas de desfile. Estas salas só estão presentes no edifício 1.

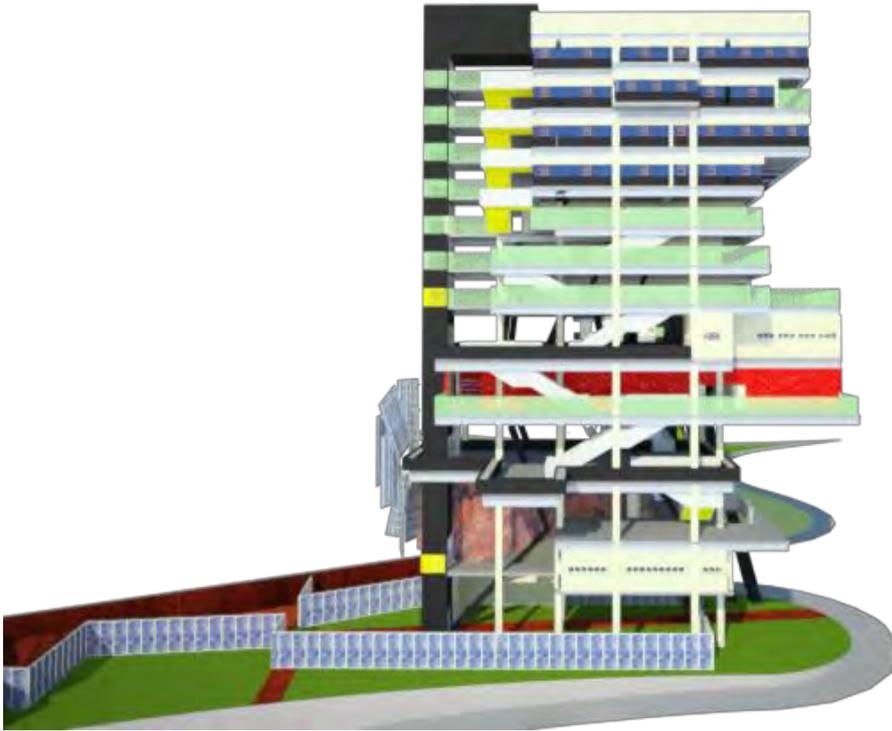


Figura 32. Perspectiva do edifício 1. Em vermelho são duas salas de desfile. Estas salas só estão presentes no edifício 1.

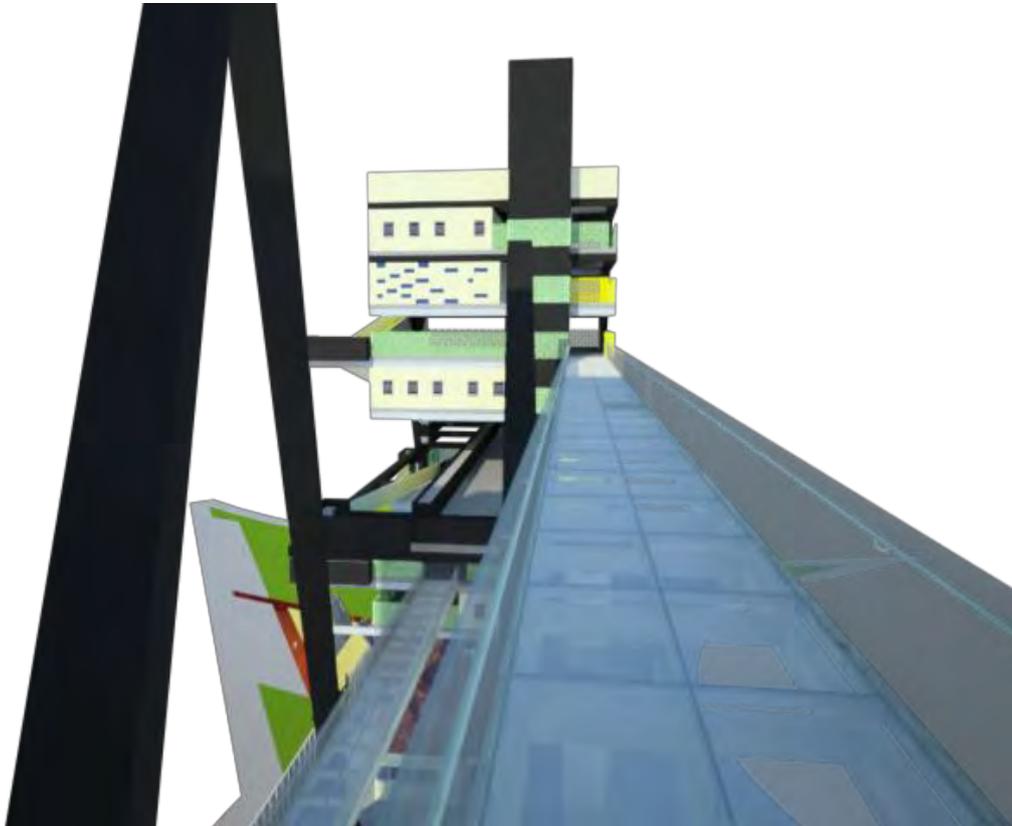


Figura 33. Perspectiva das rampas, transparentes, de acesso entre os edifícios. Vista aproximada da estrutura estaiada.

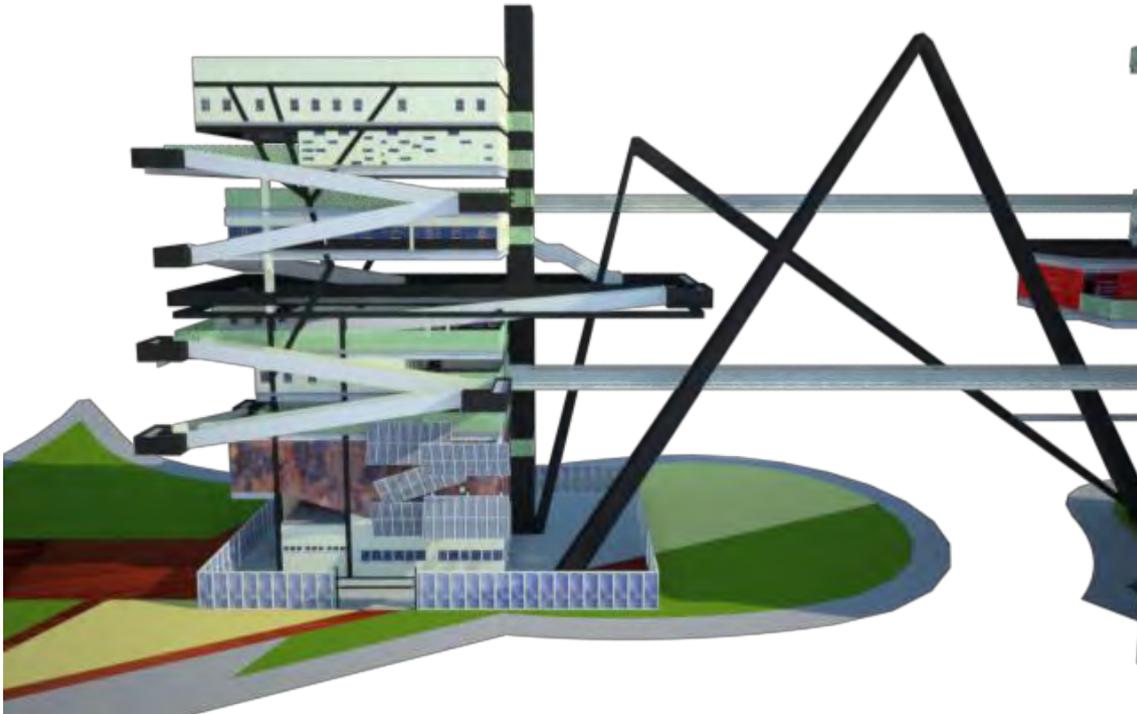


Figura 34. Perspectiva do edifício 2. Vistas das placas solares, do auditório, rampas passarelas. A estrutura estaiada faz alusão ao nome MODA, salientado em seu formato de "M".



Figura 35. Perspectiva interna da sala de desfile. São duas salas.



Figura 36. Perspectiva interna da sala de desfile.



Figura 37. Corte da sala de desfile. E evidência da estrutura.



Figura 38. Vista de cima da sala de desfile.



Figura 39. Perspectiva interna do auditório. São dois auditórios, um em cada edifício. Detalhe da área de caderante.

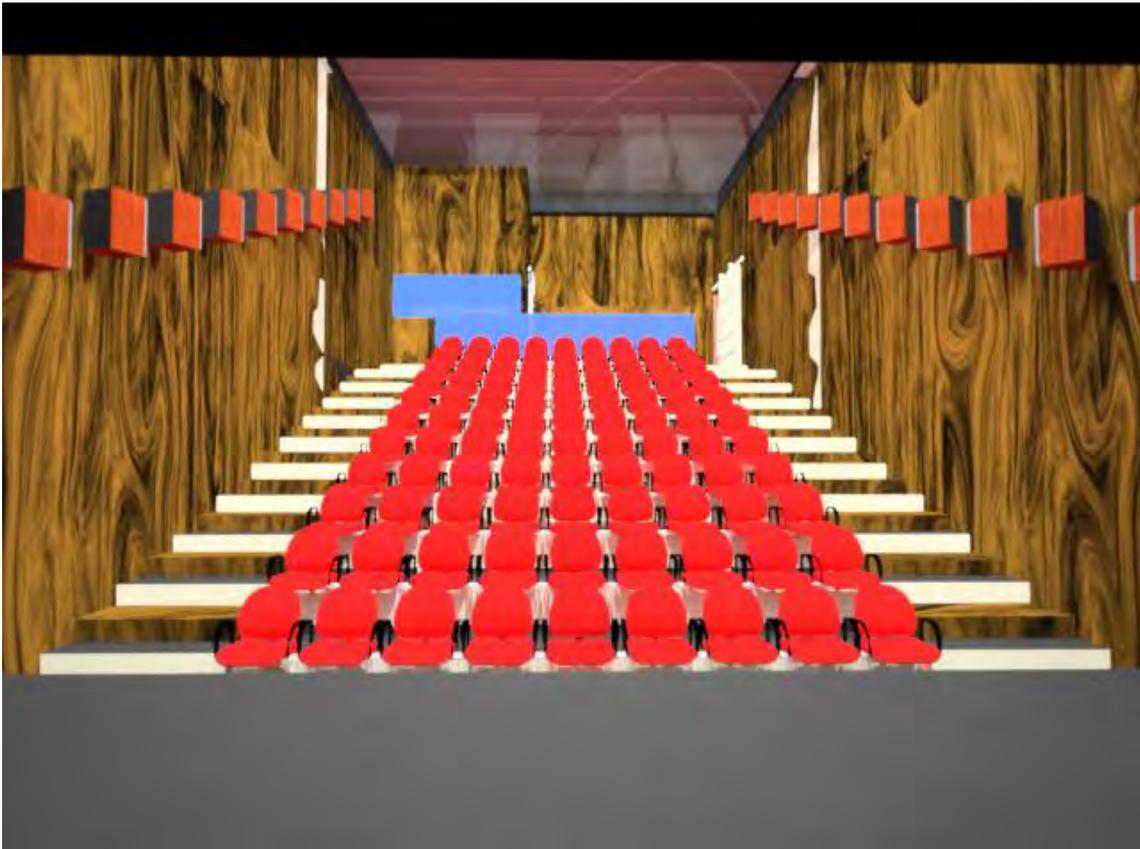


Figura 40. Perspectiva interna do auditório.

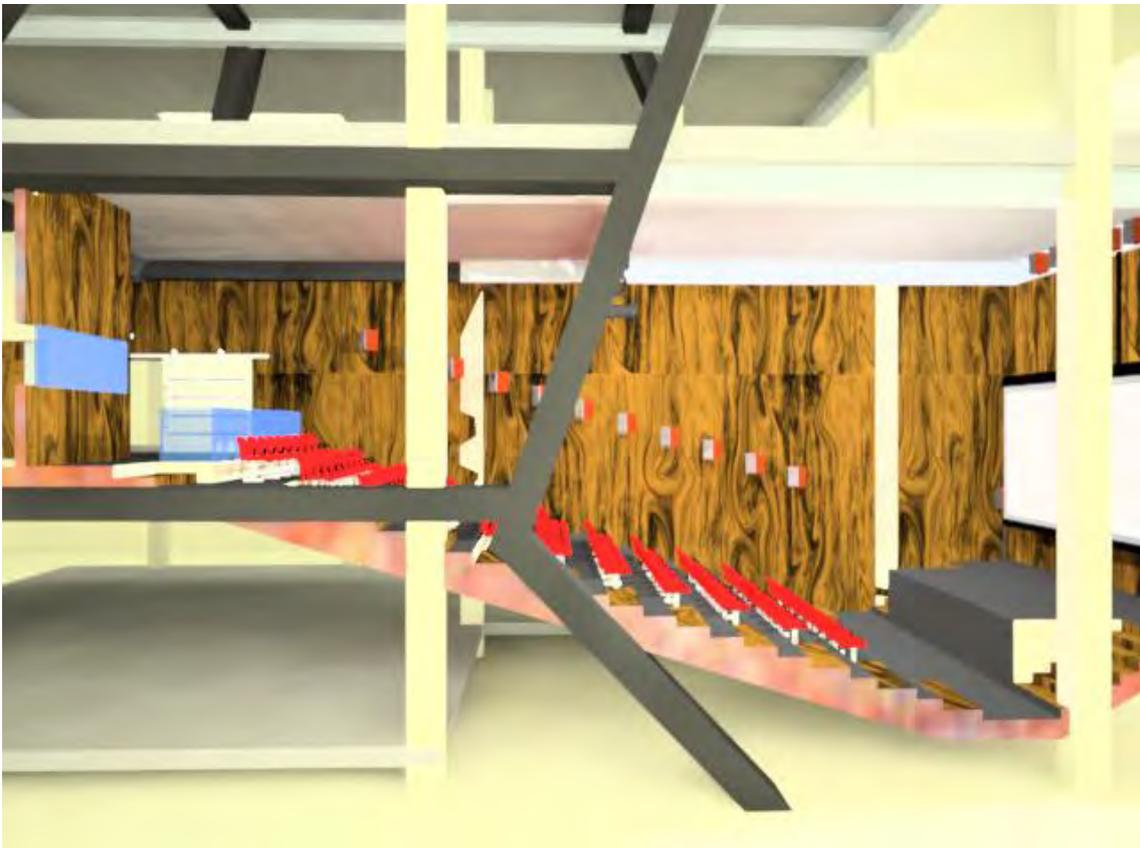


Figura 41. Corte do auditório. Evidência da estrutura. Vista da área do caderante e da sala de operação de vídeo e áudio.

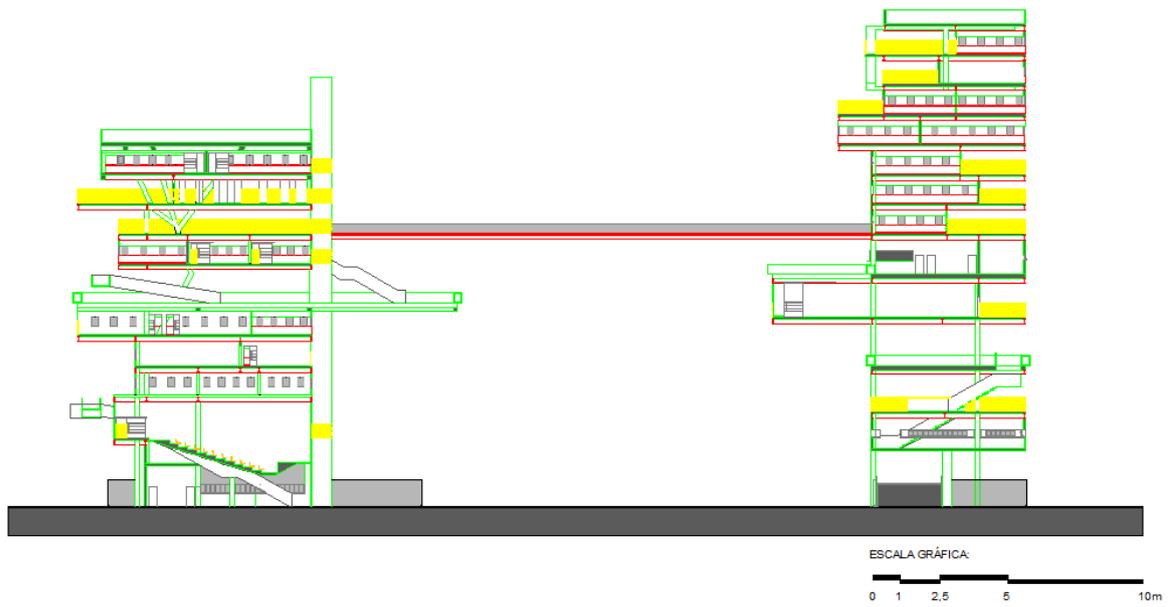


Figura 42. Corte Geral dos edifícios.

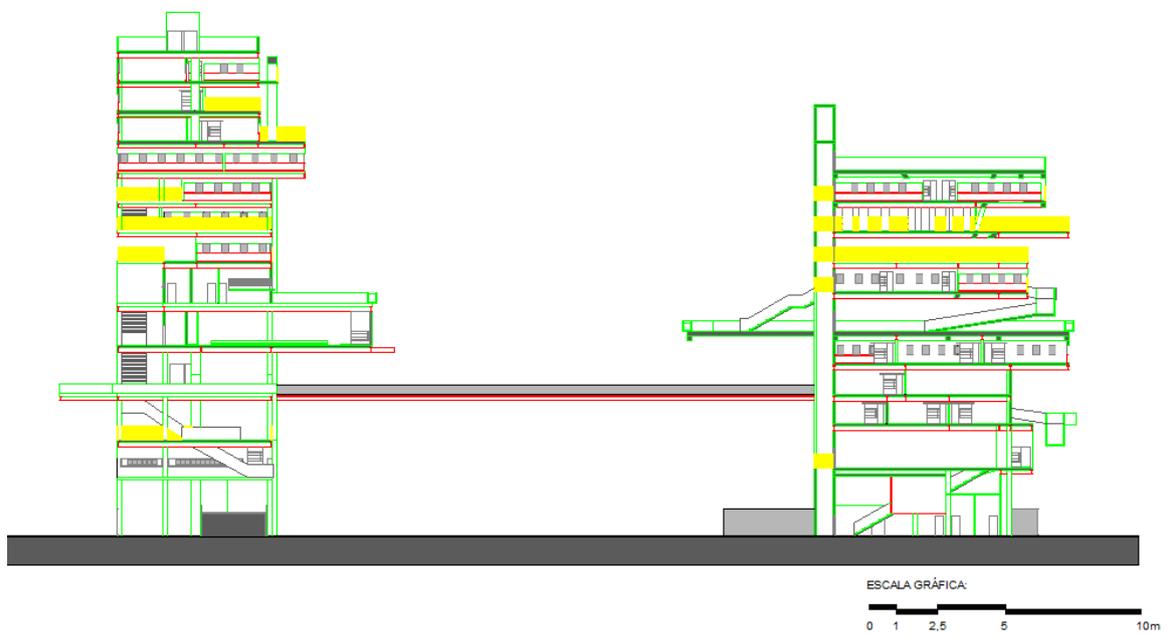


Figura 43. Corte Geral dos edifícios.

## 12. Considerações Finais.

A discussão acerca de arquitetura e ambiente não é propriamente nova. A realidade contemporânea se baseia cada vez mais no predomínio do ambiente construído e no crescimento descontrolado das metrópoles, no uso de materiais e técnicas com elevado custo energético e alto grau de desperdício em seu funcionamento e manutenção. Pensando nisto, é preciso buscar parâmetros relacionados com a capacidade da arquitetura contemporânea de responder a essas demandas.

Uma arquitetura para o presente deve considerar o já construído, afrontando a melhoria do entorno em busca de um reequilíbrio ecológico na relação entre seres humanos e seu entorno artificial.

A proposição desse tema é suscitar a discussão em torno da prática arquitetônica contemporânea e sua relação com a sociedade, enquanto atividade questionadora dos valores que mudam com o passar do tempo e sua possível contribuição para um desenvolvimento sustentável.

A partir da exacerbação de desenvolvimentos e desequilíbrios próprios de uma economia globalizada, se faz evidente que o sistema natural de formação da cidade é insuficiente para atender as demandas de uma sociedade fragmentada. Esta que é uma possível crise de sustentabilidade.

Essa discussão não se trata de mera crítica ao movimento moderno e seus cânones. Mas sim, de repensar a situação da arquitetura contemporânea, com relação aos valores de seu tempo. Sendo assim, toma-se o parâmetro espaço-tempo como guia com o qual articular toda a estrutura de idéias na arquitetura contemporânea.

Atualmente, vivemos em um mundo globalizado e povoado de artefatos, onde o homem está reduzido a um objeto alienado na cidade que desequilibra a sociedade.

As cidades reproduzem sua história. Inscrevem-se no território a condição humana de seus habitantes, narram, espacialmente, à realidade social que contém. A imagem da cidade é uma construção coletiva definida pela cultura de uma determinada população e que, materialmente, a representa. O desenvolvimento desordenado e, chamado de espontâneo, é como um pedaço da natureza selvagem dos trópicos deixada a si mesmo.

São Paulo representa, no âmbito brasileiro, o melhor (ou pior) exemplo dessa realidade urbana. Na metrópole paulistana arranha-céus e grandes avenidas aproveitam a escassez de espaços públicos generosos e de edifícios representativos para converterem-se na imagem mesma da cidade, uma grande massa amorfa e impessoal. Como paisagem urbana, São Paulo é de uma tristeza absoluta, perante a arquitetura contemporânea?

Portanto, nos esses espaços de arquiteturas coloniais sobrepõem-se espaços modernos. E são nesses espaços que esse projeto de TFG pretende usufruir de maneira de forma contemporânea. Tratar a cidade como ambiente natural, isto é, que se forma de maneira espontânea e, que constrói espaços artificiais.

### **13. Referências Bibliográficas.**

<http://www.vitruvius.com.br>

<http://www.icehotel.com>

<http://www.arquitetonico.ufsc.br>

<http://filthyluker.org/index.html>

<http://www.labeurb.unicamp.br>

<http://www.cibercultura.org.br>

<http://www.karimrashid.com>

<http://www.arqbrasil.com.br>

MORUS, Thomas. "Utopia". Edição: Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook ou [www.jahr.org](http://www.jahr.org).

<http://pt.wikipedia.org>